
ABC do Açude: Percepção, Imaginário e Memória no sertão

Felipe Figueiredo

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5732>

DOI: 10.4000/pontourbe.5732

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Felipe Figueiredo, « ABC do Açude: Percepção, Imaginário e Memória no sertão », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5732> ; DOI : 10.4000/pontourbe.5732

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

ABC do Açude: Percepção, Imaginário e Memória no sertão

Felipe Figueiredo

Introdução

- 1 Na segunda metade de 2016, enquanto estudava o tema da relação entre as categorias natureza e cultura na antropologia nas reuniões do VISURB¹, como uma feliz coincidência, chegou em minhas mãos - através de um tio que atua como padre em pequenos municípios na Bahia - a transcrição de uma poesia oral que conta a história da construção de um açude em um distrito do município baiano de Macaúbas, localizado no interior do sul da Bahia, da perspectiva dos trabalhadores da obra. Suscitado por essas questões viajei para Macaúbas em janeiro dos anos de 2017 e 2018 e em julho de 2018 com o intuito de investigar, por um viés antropológico, que tipo de relações tal produção oral agencia no imaginário e na memória das pessoas da região, partindo de sua percepção do ambiente no sertão baiano.
- 2 O ABC do Açude, como é conhecida a poesia em questão, foi constituído possivelmente entre os anos de 1932 e 1936, período de construção da barragem de Macaúbas que represa as águas de um riacho que antes corria até o São Francisco. É impossível falar do açude de Macaúbas e das histórias em torno dele sem se remeter a questões referentes à seca e à percepção do ambiente. Grande parte das histórias narradas sobre o açude, seja a poesia em questão ou não, têm relação direta ou indireta com a seca e a constituição de um imaginário em torno de sua formação física, o semiárido.
- 3 A barragem fez parte de um projeto do governo Vargas de combate à seca no contexto da grande estiagem que acometeu os estados nordestinos da década de 1930. O governo federal então tomou como principal medida de combate a construção de imensos reservatórios artificiais de água denominados açudes (POMPONET, 2009, p.60), empreitada levada a cabo pela então Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), atual Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS).

- 4 Chegando em Macaúbas, fiquei hospedado numa comunidade da zona rural conhecida como Tamboril, localizada entre o perímetro urbano de Macaúbas e o distrito do Açude, onde está localizada a lagoa que foi formada pela barragem. Meus anfitriões foram França (como é conhecido Addemelando Francisco) e Zinha (como é conhecida Avelina), com quem convivi durante o mês de janeiro e julho em suas atividades diárias e em suas narrativas sobre a região e especificamente acerca da construção da barragem, suas histórias e mitos. Além de França e Zinha, acompanhei de perto a vida dos moradores locais da zona rural e da cidade de Macaúbas e, dentre estes, verdadeiros narradores de histórias acerca de suas experiências na região.
- 5 O meu principal interlocutor-narrador (além daqueles que me hospedaram) foi Bio de Ângelo, morador de Macaúbas, ex-morador do distrito do Açude. Bio tem 81 anos, nasceu no povoado do Açude, mas atualmente é morador de Macaúbas. Foi Bio quem transcreveu a versão do ABC do Açude que chegou em minhas mãos.
- 6 Além destes, outras pessoas me narraram suas histórias de vida que se relacionam diretamente com a história do Açude e, de certa forma, também com o ABC do Açude. Trata-se de pessoas que experimentaram a mudança do ambiente promovida pelas políticas de gestão da natureza levadas a cabo pela ideia de combate à seca e também da mudança ocorrida pela atual seca. Dona Beata, de 104 anos, nasceu num povoado da zona rural no entorno do Açude conhecida como “Covas” e tanto seu pai quanto seu marido foram trabalhadores da obra da barragem. Dona Preta, também de 104 anos, nasceu próximo de onde hoje é a lagoa do Açude e depois mudou-se para o povoado, onde seu pai trabalhava para um feitor da obra. Por último, Estevão, de 91 anos, também nasceu nas proximidades de onde hoje é o povoado do Açude e quando ainda era criança trabalhou na roça de alguns dos chefes da obra da barragem.
- 7 Bio nos diz que aprendeu a recitar o poema de ouvido. Ouvindo os outros recitarem trechos que conheciam, conseguiu por meio dessa bricolagem de traços mnemônicos constituir este saber acerca da história do Açude de Macaúbas. Ele diz que aqui e ali um ou outro que tinha trabalhado na barragem sabia recitar dois ou três versos e ele foi juntando as partes até que decorou o poema todo. Bio atuou como um “narrador sucateiro”, em termos benjaminianos, como aquele que segue os rastros deixados de lado pela história oficial, para reavivar uma “contra-história” da construção do Açude. Segue abaixo uma transcrição do ABC do Açude:
- 8 “Aproveitando a sorte enquanto ela não desanda, senhor São Pedro, São Paulo, São Felipe, São Fernandes. Para cumpri minha sina, vim parar no Saco-Grande.
- 9 Bateu uma crise danada no município brotense, e aqui tinha socorro do governo fluminense, que obrigou-me arribar com tudo que me pertence
- 10 Cheguei aqui em dezembro no rigor da carestia, procurando toda forma de fazer economia, mas tudo quanto eu fazia, Mané Trinchete comia
- 11 Depois saiu meu fiscal com quem eu era me alistado, passei custurar bruaca sem ter nenhum resultado. Até hoje tem mil e duzentos fiado
- 12 Escrevi uma cartinha, amigo Dr. Barreto, me protege nessa terra senão eu viro um esqueleto, me acabando na barrage e embarrigando a Zé Preto
- 13 Fiz outra bela cartinha pelo mesmo portador, porque nesta ocasião eu fiquei sem meu feitor. Até hoje ainda espero a resposta do doutor

- 14 Ganhava eu três mil reis, o menino mil e quinhentos, mais um prato de farinha, era dois e quatrocentos, toicim a quatro mil reis, feijão a quatro e duzentos
- 15 Horário de seis a seis, meio dia um descansinho. Quando chegava da venda é que ia cuidar dum arrozinho, senão não dava tempo, se não voltar do caminho
- 16 Intregaro a buzina um negro do pé inchado, de dia vive dormindo e a noite embregado. Quando é as 4 horas ouve-se um búzio danado
- 17 Janeiro é mês rigoroso de 13 horas no dia. O pobre sendo obrigado, aqui nesta ispetoria com o mulambo no corpo e a barriga vazia
- 18 Ká faz parte, mas não entra na linguagem brasileira. Operário daqui também trabalha a semana inteira, recebe, porém não mete quarenta réis na gibeira
- 19 Ladruaje como aqui é uma coisa de horror. Começar de barraquista, operário e feitor. Aqui nesta ispetoria todo mundo é comedor
- 20 Mas o mundo esta tão péssimo que obriga sujeitar imposição de feitor e barraquista a roubar. E a muquirana roendo não tem tempo de coçar.
- 21 Na notícia que eu vinha desta ilustre companhia, que operário ganhava até dez mil réis por dia e que todo fim do mês o pagamento saía
- 22 Ó noticia miserável, espalhou por todo lado. Aqui tem um mexe mexe como tecido de aranha, operário bate nove e barraquista é quem ganha
- 23 Preço de trem na barraca, era o que o dono marcava, pois o vale só corria aonde o feitor mandava
- 24 Quando eu dou quatro e duzentos pelo um prato de feijão, que eu vejo lá na feira de dois prato por um tostão, da vontade de pegar meu vale e jogar no chão!
- 25 Reservando-me a soberba pra Deus não me castigar, se for pra receber vale eu deixo de trabalhar. Que não quero ter um amor para ver outro gozar
- 26 Se pego o infeliz do vale, vou fazer compra na venda. Compra quatro, cinco mil réis e não dar pra uma merenda
- 27 Teófilo adeus, meu caro Tio Tino Apontador fica ai com sua barrage que eu por aí já me vou
- 28 Universo está tão péssimo que obriga sujeitar uns vindo pra receber e outros pra comprar
- 29 Vou ver se arrumo um lugar que eu possa trabalhar pra doutor não marcar meu ponto nem buzina me acordar
- 30 Xuveu tanto em tantas partes, já se ver muitas farturas, na feira também se ver feijão e milho e rapadura. Vamos embora meus colegas deste “Saco de Usura”
- 31 Zefirino, adeus. Meu caro Tio Tino Apontador fica aí com sua barrage que eu por aqui já me vou
- 32 Ypisilone é u grego, só serve para interar, o preço de dois mil réis fez a negrada arribar
- 33 ~ o til é a letra de Roma, não posso perde vista, Seu Doutor que fica ai com feitores e barraquistas pegando todo dinheiro e entregando a João Batista”.

Narrativas e memórias do sertão

- 34 Antes de receber este nome, como podemos observar no poema, o povoado do Açude tinha o nome de “Saco Grande”. O eu-lírico fala no primeiro verso “para cumpri minha sina, vim parar no Saco-Grande”. Era Saco-Grande, chegou a seca e depois da construção da barragem para combatê-la virou Açude. Essa mudança de paisagem não parou por aí, pois o açude encontra-se seco há mais de 10 anos; não obstante, o nome permanece Açude, o que marca também a esperança de ver a lagoa cheia novamente.
- 35 Podemos perceber ainda que, ao longo da poesia, há uma crítica ao fato de que os trabalhadores da barragem sequer recebiam um salário. Em vez disso, recebiam um vale e eram obrigados a gastá-lo nas vendas dos “barraquistas”, que tinham seus produtos a preços abusivos. Os trabalhadores, portanto, mal podiam arcar com as despesas de sua subsistência e os feitores e mandatários da obra, aliados aos “barraquistas” acabavam criando um monopólio de todo o produto do trabalho dos operários. Era um ciclo vicioso, de trabalho análogo à escravidão. França, por exemplo, comenta que seu pai era açougueiro na época da construção da barragem e, em vez de vender diretamente para os trabalhadores da obra, era mais lucrativo vender para os barraquistas. Depois, estes sim, faziam o monopólio do comércio entre os operários.
- 36 Dona Preta comenta que na época da construção da barragem, quando tinha por volta de 18 anos, chegaram pessoas de tudo quanto era lugar para trabalhar lá. Provavelmente muitos retirantes famintos atingidos pela seca empregados pelo “governo fluminense” para trabalhar na Inspeção Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS). Ela continua sua narrativa comentando as diversas mortes diárias que aconteciam não só entre as pessoas da região, mas também entre os trabalhadores da obra. Ela diz que chegaram para trabalhar na obra cerca de 5 mil pessoas, muitas delas crianças.
- 37 A buzina que servia para acordar os trabalhadores, também relatada no ABC, fez parte da experiência de Dona Beata durante a construção da barragem. Lá das Covas, região mais afastada de Saco Grande era possível ouvir a buzina tocar para marcar o horário em que os trabalhadores deviam se apresentar para o serviço do dia. Beata diz que casou na época em que a barragem estava sendo construída, onde seu marido trabalhava: “quando tocava essa buzina ele saía na carreira com esses bois pra ir trabalhar”, ela nos conta. Ela comenta também que tanto seu marido quanto seu pai sabiam recitar o ABC do Açude todo e foi através deles que ouviu a primeira vez. Apesar dela não saber recitar a poesia completa, se lembra de alguns versos desconexos e curiosamente a recita em forma de cantiga, diferentemente de Bio, por exemplo, marcando uma outra forma de oralidade desta poesia.
- 38 Ao investigar a vida de alguns personagens da poesia e seu parentesco com alguns habitantes do Açude, cheguei até Estevão, morador do povoado que era neto de João Batista, mencionado no fim da poesia como aquele para quem os doutores da obra entregavam todo o dinheiro. Segundo o relato de Bio, João Batista era um homem que possuía muitas terras na região e estabeleceu laços com os doutores porque tinha muitas filhas bonitas. Estevão me confirmou este fato dizendo que seu avô tinha mais de 30 filhos, a maioria mulheres e os doutores logo perceberam isso. O dinheiro então circulava pela casa de João Batista e, segundo Estevão, era levado num saco de pano no dia que o pagamento vinha da capital baiana. Por sua vez, o próprio Estevão, desde criança

trabalhava para um dos chefes da Inspetoria, Virgílio, assim como seu pai, cuidando da lavoura e do gado.

- 39 Todas essas pessoas que viveram na época da construção da barragem ou pelo menos em seu início relatam com tristeza e horror a condição dos trabalhadores da obra. Muitos dos relatos se remetem ao ABC como memória e até mesmo como uma forma de comprovação dos fatos relatados. A menção ao ABC faz com que os relatos ganhem um tom de veracidade na fala dos interlocutores. O ABC do Açude é uma *invenção* no sentido que Roy Wagner dá ao termo, ou seja, trata-se de uma representação simbólica de uma experiência que é compartilhada dentro de um determinado contexto.
- 40 A despeito desses relatos de exploração, o açude em si é visto como um acontecimento benéfico para toda a região. Todos os relatos e narrações históricas a retratam como sinônimo de grande fartura, tendo em vista não só a seca de 1930, mas também a atual. O próprio Bio, que nasceu no ano em que a barragem foi concluída, disse que foi pescador nas épocas de suas cheias e, além disso arrendava lotes cedidos pelo DNOCS mediante contratos para o cultivo. Era do cultivo desses lotes concedidos aos moradores do Açude que provinha a maior parte dos alimentos da região nas épocas de cheias do açude.
- 41 Um conhecimento como este do ABC, produzido no interior da Bahia, da perspectiva do conhecimento instrumental e da literatura erudita ou, em outras palavras de uma forma de conhecimento “moderna”, pouco teria espaço ou importância, marcando a característica duplamente assimétrica, apontada por Latour (2003), do conceito de modernidade. Segundo o autor, quando nos remetemos à modernidade, “definimos, por contraste, um passado arcaico e estável” e, além disso, “a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os Antigos e os Modernos” (2013, p.15).
- 42 O ABC do Açude era disseminado na época da construção da barragem. Nesse sentido, a poesia opera um intercâmbio de experiências, tal como descreve Benjamin (1994), ou seja, trata-se de um conhecimento tecido na substância mesma da vida, na forma como as pessoas a experimentam, e que é passado adiante. A experiência, para Benjamin, constitui aquilo que chama de sabedoria. Essa sabedoria que é intercambiada, para o filósofo, estaria definindo com o advento da modernidade, principalmente devido a primazia da informação enquanto forma de conhecimento nesta época.
- 43 Seguindo ainda o argumento de Benjamin, o ABC do Açude, enquanto narrativa oral, pode ser visto da posição de um saber tido como “arcaico” frente a modernidade. Nesse caso, isso é expresso duplamente em sua constituição, que se desdobra em duas hipóteses nesta pesquisa: primeiro por sua expressão enquanto saber tradicional; segundo por estar diretamente relacionado à questão da seca, símbolo do sertão nordestino, visto pelo senso comum (principalmente de regiões do Brasil tidas como “desenvolvidas”) como lugar de exceção e do atraso, marcando um “etnocentrismo interno” em relação a esta região.
- 44 Seguindo a primeira hipótese, ao traçar um panorama da primazia do conhecimento científico na modernidade, Ingold diz que “a sabedoria assumiu um lugar secundário diante da informação” (2012, p. 25). Temos a tendência a hipervalorizar o conhecimento racional-científico por sua pretensão de produzir provas e explicações acerca do mundo e da natureza das coisas desde Bacon, como aponta Ingold. Essa expectativa que colocamos na ciência, de que ela é o conhecimento que pode desvelar a verdade, no entanto, muitas vezes não é alcançada, principalmente quando nos defrontamos com outros saberes “não modernos” acerca do mundo, isso porque a ciência produz um conhecimento que é

informativo, estatístico e formalizado, enquanto os saberes tradicionais produzem, com o perdão do pleonasma, sabedoria. Esta é proveniente da própria experiência da vida num amplo sentido. Decorre desse duplo movimento de definhamento dos saberes tradicionais e da ascensão do conhecimento racional-científico, portanto, a decadência da narração na modernidade enquanto maneira de transmissão dos saberes.

- 45 Em segundo lugar, como demonstra Taddei (2017), o sertão (que é mais que um lugar, mas um “conceito”, que discutiremos ao longo do texto, mas que usaremos em sua concepção “vulgar” provisoriamente) é mistificado como sinônimo de Nordeste rural, especialmente pelo sudeste urbano. A despeito disso, o autor comenta que em debates filológicos ora sertão aparece como derivado de “desertão”, ora derivado do latim “sertus” que significa entrelaçado ou enredado. Como comenta Riobaldo, personagem de Grande Sertão: Veredas, “o sertão está em toda parte” (2001, p.24). Seguindo o argumento de Taddei, no “início da colonização, o Brasil todo era sertão; com a expansão do Estado ao longo dos séculos XIX e XX, o país se ‘dessertaniza’ [...]” (ibid., 154). A seca, por sua vez, “ressertaniza” o território dessertanizado devido a sua capacidade de desorganizar os processos sociopolíticos locais e, portanto, o açude de Macaúbas foi uma tentativa do Estado de dessertanizar a região, mas que hoje encontra-se ressertanizado devido à seca atual.

Conclusão

- 46 O que vemos em Macaúbas, no entanto, é a presença dessa ação de narrar ainda presente na memória de algumas pessoas da região, mesmo que fragmentada. Outras, mesmo que não a conheçam, decerto já ouviram falar de histórias que remetem à memória da construção da barragem do Açude que fazem referência a tal poesia oral.
- 47 Segundo argumenta Gagnebin, tomamos como definição de *verdade* a adequação entre *palavras* e *fatos*. A autora argumenta, portanto, que os “fatos” históricos só são fatos por meio de um discurso que os constituem enquanto tais dentro de um discurso de uma história científica e moderna niveladora, com a pretensão da universalidade, que se vangloria de ser a única história verdadeira e possível: a história ocidental moderna. Essa história desconfia tanto da memória (por seu caráter instável e subjetivo), quanto da narração (por seu caráter fabuloso e inventivo), afirmando sua cientificidade e verificação factual, geralmente por meio de documentos oficiais, empiricamente observáveis.
- 48 Por outro lado, podemos tomar o discurso histórico construído por um saber poético-artístico constituído em cima da narração como uma possibilidade de fazer referência ao mundo de maneira não descritiva, como defende Ricoeur acerca da linguagem poética, sem cairmos num relativismo subjetivo acerca da história. Por meio da experiência, o narrador constitui um saber a partir de sua criatividade narrativa e de sua inventividade prática, unindo agir e falar humanos, enredados de maneira poética em sua história. A narração, constituída por uma experiência de vida no mundo que é marcada por sua transmissibilidade, se molda como forma “não moderna” de fazer história e de transmiti-la.
- 49 Enquanto forma de saber, as representações simbólicas que o senso comum que valoriza o conhecimento científico faz da narração passam também por essa dimensão corporal da qual falamos, marcada nos corpos dos próprios sertanejos enquanto pessoas que, por seu modo de levar a vida, são tidos como bárbaros ou pessoas atrasadas. Esse conhecimento

tecido na substância da vida, como demonstramos até aqui, é deixado de lado pelo que chamamos de “modernidade”, que privilegia o conhecimento científico que classifica e ordena o mundo a partir de suas categorias. Com a ascensão da informação como forma de conhecimento, Benjamin diz que ocorre uma decadência da narração como forma de conhecimento. É a distinção que a modernidade faz por oposição ao que é tido como “arcaico”: tudo aquilo que saia da lógica do capitalismo e da tecnociência.

- 50 No entanto, o que ocorre se observarmos mais de perto o caso da Macaúbas e do contexto de “modernização” trazido com o açude, veremos algo mais que uma simples oposição dicotômica entre modernos e arcaicos (que já diz muito por si só): a presença tanto daquilo que é tido como “moderno”, expresso na engenharia e na tecnociência que vem implantar a construção do ABC do Açude e, hoje, naquela que vem contribuir com práticas que podemos chamar de “convivência com o semiárido”; e daquilo que é tido como “arcaico”, expresso na poesia do ABC do Açude, mas também numa imagem que se tem do que é o sertão, particularmente como é visto pelo sudeste urbano e outros lugares do país tidos como desenvolvidos.
- 51 O moderno depende do arcaico para se estabelecer: o moderno, ao criar este “outro”, começa a excluir outros mundos possíveis e impor sua visão. O arcaico é aquilo que deve se deixar de ser para se tornar um moderno, o que é uma contradição, já que essa passagem nunca se consolida efetivamente. A modernidade cria e depende desse outro arcaico dizendo que deve-se modernizar, mas essa modernização nunca ocorre de fato pela exploração e colonização a que sofreu o arcaico: é o que ocorre com o sertão enquanto lugar simbólico que aparece no imaginário como uma certa concepção daquilo que é tido como oposto à noção de civilização, marcado sempre pela ausência: seja de Estado, seja de “civilidade”, ou mesmo de água.
- 52 O “arcaico” persiste no tempo. Existe ainda hoje e, da perspectiva de uma modernidade capitalista “ideal”, nunca vai deixar de sê-lo. Podemos superar essa dicotomia, ou podemos tomar a categoria “tradicional” ou “arcaico” como constitutivo de um devir diferente daquele devir moderno, mas que não deve nada a este, e que é tão legítimo quanto. Trata-se de uma luta cosmopolítica, de levar a sério esses mundos diferentes que coexistem.
- 53 A história (ou contra-história), que Bio nos narra, transmite aquilo que é na verdade inenarrável, que ajuda a enterrar os mortos e os explorados pela obra do açude, mas não apenas isso. O ABC do Açude é *invenção*, elemento simbólico de uma memória que articula o passado enquanto ética da ação presente. Se na época da construção da barragem o ABC surgiu como elemento de oposição e denúncia à exploração sofrida pelos trabalhadores, hoje articula estes mesmos ideais numa narração com uma tarefa política muito clara: lutar contra o esquecimento dos mortos e explorados, o que significa também lutar contra a repetição de histórias parecidas no presente, ainda que, infelizmente, esse cenário seja atual no Brasil - vide a portaria que altera as regras de fiscalização do trabalho escravo. Assim, sem pretender estabelecer um estatuto da verdade da narração, mas a tomando como um saber histórico legítimo, ainda que sendo algo oposto à História positivista, Jeane Marie Gagnebin diz que “a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro” (2006, p. 47).

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense, São Paulo, 1994, p.197-221.
- FERNANDES, Dayane; FIGUEIREDO, Felipe. Saberes e sabores de um corpo-etnógrafo no mundo. *PENSATA: Revista dos Alunos do PPGCS-Unifesp*, Guarulhos, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. Editora 34, São Paulo, 2009.
- INGOLD, Tim. Caminhando com dragões, In.: *Cultura, Percepção e Ambiente*. STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (orgs.), Editora Terceiro Nome, São Paulo, 2012
- *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes, Petrópolis - RJ, 2015.
- INGOLD, Tim; JANOWSKI, Monica. *Imagining Landscapes: Past, Present and Future*. Routledge, Londres, 2012.
- LATOURETTE, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. Editora 34, São Paulo, 2013.
- NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 107-129, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.
- POMPONET, André Silva. 100 anos de DNOCS: marchas e contramarchas da convivência com as secas. In: *Conjuntura & Planejamento*, n.162, Salvador.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001.
- STENGERS, Isabelle. *No Tempo das Catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. Cosac Naify, São Paulo, 2015. INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes, Petrópolis - RJ, 2015.
- TADDEI, Renzo. *Meteorologistas e Profetas da Chuva: Práticas e políticas da atmosfera*. Terceiro Nome, São Paulo, 2017.
- WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. Cosac Naify, São Paulo, 2012.

NOTAS

1. Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp.

AUTOR

FELIPE FIGUEIREDO

Graduando em Ciências Sociais pela Unifesp.